

## Resenha

ORTENCIO, Bariani. *Sertão sem fim*. 2.ed. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

Patrícia Perez Pinheiro Costa\*

Quando criança, Waldomiro Bariani Ortencio sempre se queixava dos finais dos livros que lia. Certa feita, um tio sugeriu a ele que escrevesse novos finais. Provavelmente foi o deslumbramento com a possibilidade de criar um final próprio para essas histórias o que suscitou nele o gosto pela escrita. Bariani Ortencio nasceu em 1923 no município de Igarapava, Estado de São Paulo. Em 1938, mudou-se com seus familiares para Goiânia, onde posteriormente ficou conhecido, entre outras coisas, por seus “Dois dedos de prosa”, quadro apresentado num programa da televisão local. Ele também se ocupa da literatura, da criação musical e do estudo da culinária, da filologia e do folclore goianos. Sua obra literária abrange novelas juvenis, romances e contos policiais e regionais. Estes últimos ocupam um lugar de destaque na produção de Bariani, somando sete publicações, dentre as quais, *Sertão sem fim*.

*Sertão sem fim* é um livro composto por onze contos e uma novela, todos marcados por um forte traço regionalista. Conforme o título já indica, nesses contos o sertão é descrito como um lugar com temporalidade própria e geograficamente ilimitado, ou seja, um lugar sem fim. Essa região também é sem fim porque abre um leque infindável de possibilidades para que o autor construa suas narrativas e movimente seus personagens. É um ambiente que, apesar de inóspito, árido e selvagem, revela-se cheio de surpresas e encantos, assim como seus habitantes. Estes não são retratados como “Jecas Tatus”, pois o autor não se deixa contaminar por essa comum representação do sertanejo. Em sua obra, o caipira, definido por Antonio Candido como homem dos mínimos vitais e sociais, é um aluno ávido dos saberes da “escola da vida”, sujeito extremamente vivo e sabido, apesar do pouco ou nenhum estudo sistematizado.

Dois contos de *Sertão sem fim* têm a preservação da honra familiar como tema central. Em “Paciência de goiano”, Seu Ingrácio e Dona Romualda desesperam-se ao

---

\* Acadêmica de Pedagogia da UFG. E-mail: patperez@bol.com.br

ver Alvarino adentrando sua propriedade. Alvarino é um peão namorador que se apaixonara por Conceição, filha de Ingrácio. Os pais da moça não aprovavam o namoro, e, por isso, o rapaz anunciou que a buscaria para morar consigo mesmo sem o consentimento deles. Mesmo sabendo da intenção de Alvarino, ao vê-lo chegar à fazenda, Seu Ingrácio age como se nada estivesse acontecendo, deixando Dona Romualda irritada. Alvarino foi saindo do local levando Conceição, sem esperar qualquer reação do pai da moça, pois este apresentara uma aparente resignação. O que ninguém esperava era que a “paciência” de Seu Ingrácio ocultava uma vingança final. Já em “Os Pereira”, Laurinda queria se casar com Orcino. Como seu pai, o velho Pereira, não aceitara a união, ela mente que havia perdido a virgindade com o namorado. Visando a preservação da honra de sua filha, o velho Pereira providencia o assassinato de Orcino. Sente-se vingado, pois o rapaz pretendia, a seus olhos, arrancar de sua família o que existia de mais sagrado: a honra. No entanto, ao contrário do que ocorre no conto anterior, o assassínio é considerado injusto. Pereira é tomado de um grande remorso ao saber, dias depois, que Laurinda o enganara e que ele era responsável pela morte de um inocente.

Os contos “A mulher do Elpídio” e “No garimpo” tratam de assédios a mulheres casadas. No primeiro, Elesbão, senhor de meia-idade, faz uma proposta indecente a Tianinha, esposa de Elpídio. Ela mostra-se muito esperta ao colocar seu Elesbão em maus lençóis, sugerindo que ele fizesse a proposta ao marido, que estava chegando. No segundo, Maria dá abrigo a um viajante, chamado Eduardo, enquanto seu esposo, Josino, estava trabalhando no garimpo. Ao contrário de Tianinha, Maria não age como uma esposa fiel e trai Josino. O autor reserva para ela um final irônico, punindo, de certa forma, esse comportamento. “O Patuá” também faz referências à atividade de garimpo. Nesse conto, Isidoro é um homem com muitas aptidões profissionais, mas aficionado pelo garimpo. O autor descreve esse entusiasmo como um vício semelhante ao jogo, à bebida e ao fumo. Em seu ir-e-vir, na esperança de ficar rico rapidamente, Isidoro é constantemente acometido por um grande azar, algo que também funciona como um castigo imposto pelo autor à teimosia do personagem.

“Negociando porco” revela a habilidade comercial de Nhô Bento e Tonicão. Este último criava porcos e necessitava vender algum para arrecadar dinheiro. O primeiro precisava comprar um porco para usar a banha. Todavia, ambos queriam tirar vantagem do negócio, e por isso Nhô Bento fingia ter muita banha, e Tonicão gabava-se por estar

vendendo muitos porcos. Por fim, o negócio fica em aberto, porque nenhum dos dois queria dar o braço a torcer.

A crítica ao preconceito religioso está presente em “Cabeça de quimbanda”. A Cristino, um sacristão intolerante com as demais religiões, é reservado um final irônico: seu crânio é, após sua morte, exposto num ritual de quimbanda. Já “O noivado do coronel” relata as proezas realizadas pelo coronel João Cândido, 70 anos, para impressionar sua futura noiva: Jovita, 17 anos. Representante de um tipo social muito presente em nossa sociedade, o coronel faz de tudo para disfarçar sua idade, comportando-se como um jovem de 30 anos.

O conto “O menino, o cão e... o espanhol” narra a amizade entre Clemente e Capitán, cão de propriedade do espanhol Diogo. O espanhol tinha uma chácara com duas dezenas de pés de tangerina. Ninguém ousava roubar as frutas, pois eram vigiadas por Capitán. Um dia, Diogo observou que o impossível estava acontecendo: alguém estava a roubar suas frutas. Ficou de tocaia esperando o ladrão e pegou Clemente em flagrante. Capitán deixava o garoto pular o muro e roubar as frutas porque eles se tornaram amigos. O final da história é trágico. Capitán, dividido entre o dever e a amizade, tem uma reação inesperada, que resulta numa autopenitência comovente.

“Benzedor de cobras” é um conto que se destaca dentre os outros. Ele traz a história de um sujeito enigmático chamado Francisco, que benze fazendas cheias de cobras, “mandando-as embora”. Por conta de um mal-entendido, Chico Benzedor foi procurado pelos jagunços de João Galdino, fazendeiro famoso por sua perversidade. O confronto entre o coronel e o benzedor explicita duas formas diferentes de poder e, logo, dois sistemas de educação. Um determinado indivíduo só pode ter poder, seja ele econômico, político ou social, se existir uma docência que faça com que as outras pessoas deleguem a ele esse poder. No caso de João Galdino, existe uma docência da submissão na medida em que os indivíduos com ele relacionados devem escolher entre agir conforme a vontade dele ou sofrer violentas conseqüências. Já Chico simboliza uma docência do respeito àqueles que lhe deram o título de Benzedor, ou seja, aos trabalhadores rurais pobres. Esse título lhe confere um poder capaz de submeter todos os homens, pobres ou ricos: o de lidar com o sagrado. Francisco se utiliza desse poder, criado pelo imaginário popular, no confronto com o coronel, mas antes o adverte sobre os castigos aplicados às pessoas que desafiam o poder do benzedor, contando sobre eles.

“Primeira segunda-feira de agosto” também tem a superstição como eixo central. Nesse conto, João Lima e Chico Preto foram contratados pelo coronel Anacleto para

assassinar o fazendeiro Prudêncio. Entretanto, o assassinio não teve êxito, pois aconteceria na primeira segunda-feira de agosto, dia de um “azar desgraçado”, na opinião de João. A novela “A busca” encerra o livro contando a história de uma caçada impressionante, em que, por muitas vezes, a caça é o caçador. Limírio era amigo de infância de Zé da Conceição (baderneiro, ladrão, assassino e estuprador). Certa feita, o coronel Anastácio pediu que Limírio fosse atrás deste e o matasse, pois ele havia feito “malinagem” com sua família. Limírio aceitou a proposta não só pelo coronel, mas também pela mãe de Zé da Conceição (a qual ele considerava como sua própria mãe), que havia morrido por causa dos desgostos que o filho lhe proporcionara. A caçada tem um final intrigante que revela o lado humano de ambos os personagens.

*Sertão sem fim* teve sua primeira edição publicada em 1965 e se encontrava esgotado há muito tempo. Devido à sua grande importância para a literatura regional, foi reeditado recentemente pela Editora da UFG. É um livro recomendado a qualquer pessoa que deseje fazer uma viagem por um mundo cheio de mistérios, sem limites e que segue uma lógica própria, muitas vezes diferente daquela a que a maioria das pessoas está acostumada. Ele apresenta as maravilhas do sertão e do homem sertanejo.

A sua leitura também se revela de extrema importância para todos que se preocupam com a educação, pois a literatura regional é um caminho bastante fecundo para se conhecer a realidade já que promove uma integração natural entre o real e o imaginário. Esse conhecimento sobre a realidade que envolve os agentes do processo educativo se faz necessário em qualquer discussão séria sobre a educação e sobre a sua relação com a sociedade. Além disso, nos contos aparecem vários aspectos da educação, implícitos nas falas e silêncios sobre educação formal e nas situações de aprendizagem informal. O livro também nos possibilita compreender a origem de alguns tipos sociais presentes em nossa região e pode ser usado como instrumento didático-pedagógico de diversas formas.

Enfim, se se fossem abordar todas as dimensões em que a literatura regional, e especialmente *Sertão sem fim*, apresenta-se como um instrumento que auxilia a prática e a reflexão pedagógica, seria necessário escrever um outro texto. Por isso, é mais seguro deixar apenas essa provocação inicial. O sertão de Bariani é um ambiente de representação dos infinitos aspectos educativos, ou seja, um lugar onde as questões educacionais florescem a todo o momento como uma educação sem fim.